

desses empresários

A preocupação

O ministro Ernane Galvães prevê um ano "mais feliz" em 1982. Mas os empresários reunidos ontem em Porto Alegre, no seminário "Projeção Econômica 82", deixaram claro que não acreditam muito nisso: a reativação da indústria exigirá um grande esforço de exportações; os juros não deverão cair grande coisa e a situação da agropecuária permanecerá mais ou menos inalterada.

No seminário, promovido pela ADVB (Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil), o empresário Jorge Gerdau, diretor-presidente do Grupo Gerdau, afirmou que o País deverá enfrentar mais dois ou três anos de dificuldades. E frisou: "Precisamos abrir frentes. Temos que sair no mundo para vender".

O ex-ministro Marcus Pratini de Moraes disse que o ajuste das contas externas exige superávits comerciais de 3 a 4 bilhões de dólares, nos próximos três anos. Por isso, defendeu maior agressividade nas vendas, o que seria possível através das seguintes medidas: seguro-exportação; "draw back verde-amarelo" (compra de produtos brasileiros a preços do mercado internacional); ampliação dos programas setoriais de exportação; criação de programas de exportação de serviços; realização de vendas nas diversas moedas converíveis, e não apenas em dólares; e instituição de lobbies para defender os interesses dos exportadores.

Em sua palestra, Jorge Gerdau não se deteve apenas nos aspectos ligados à exportação, mas resolveu fazer uma análise da atual crise, para criticar "os conceitos socialistas" do governo. Opinou que "o progresso está vinculado à internacionalização da economia"; ao aumentar as exportações, o País teve de adaptar-se ao mercado externo. Assim, o Brasil estaria sofrendo no momento as consequências de "um reajuste" da economia.

Nesta linha de raciocínio, afirmou que já é hora de "tirar um pouco o ABC do noticiário", pois a crise do automóvel não é só brasileira, mas sim internacional, "vinculada ao problema do ajustamento".

Criticou a "preocupação socializante" em função da qual, no seu entender, têm crescido os impostos. "O Brasil está fazendo uma política distributivista que não cabe ao País, pois no fundo faz-se distribuição de riquezas sem capital. A única maneira de fazer distribuição é investindo na geração de empregos."

Juros

Durante o mesmo seminário, Daniel Iochpe, do Banco Iochpe, Roberto Maisonnave, do Banco Maisonnave, e Péricles Druck, do Grupo Habitasul, analisaram a situação da economia de modo idêntico: a política do governo não sofrerá mudanças significativas; os juros externos não deverão ter quedas tão grandes a ponto de permitir uma redução expressiva das taxas internas, que acompanharão, contudo, o declínio, "mesmo que tímido", da inflação.

Mas existe uma condição essencial para que isto aconteça: o governo, mesmo mantendo elevada a correção monetária para sustentar um alto nível de poupança, não poderá repetir a política de colocação de papéis públicos deste ano, pois os papéis privados têm de acompanhar as taxas pagas pelo Banco Central, para preservarem

Empresários reunidos em seminário não estão muito otimistas; acham que a crise demora.

"sua fatia no exiguo mercado poupadão do País".

Agropecuária

Por seu lado, o ex-ministro da Agricultura Cirne Lima afirmou que a situação da agropecuária é crítica e assim permanecerá no próximo ano. Isto porque o mercado interno não tem "condições de adquirir o produto e, havendo excedente, o País não obterá preços adequados no mercado externo". No caso da carne bovina, "o Mercado Comum Europeu está subsidiando a exportação do produto".

Por isto, Cirne Lima não acredita que a economia possa crescer 5% conforme afirmação do ministro Delfim Neto. De fato, ele vê o Brasil "quase num beco sem saída". Acrescentou que "as agruras brasileiras não são causadas pelo mau humor de alguns tecnocratas, nem é culpa de um senhor tão mal-visto no Brasil", e sim pelos "detentores da energia não-renovável (o petróleo)".

Rubens Ilgenfritz da Silva, presidente da Cooperativa Tritícola Serrana Ijuí (Cotrijui), confirmou que a área cultivada de soja deverá ser reduzida 5% no Rio Grande do Sul e de 2% a 3%, no País como um todo; apenas em Mato Grosso do Sul poderá haver um crescimento de até 5% na área plantada. Um dos maiores empecilhos à expansão da produção é o sistema de transporte existente que, além de precário, é caro: custa o equivalente a 23 ou 24 dólares por tonelada no Rio Grande do Sul, chegando a 40 dólares.

Ele salientou que as perspectivas da agricultura não são "nada estimulantes" e propôs: "Devemos perseguir o caminho da policultura", o que, conforme frisou, exigiria produtores politizados e fortalecidos em entidades de classe.

Outro empresário, Carlos Goiadanich, representante do setor de indústrias alimentícias, também previu "muitas dificuldades" em 1982. A ociosidade das empresas que industrializam carne é "bastante expressiva". No caso do arroz, a área plantada deverá diminuir. Já as indústrias de produtos derivados de soja enfrentam uma ociosidade que chega a 40%. Além disso, "o mercado poderá pagar mais pelo grão do que pelo produto industrializado, como já aconteceu este ano", impedindo que as indústrias comprem a matéria-prima "a preço competitivo".

O comércio

O presidente da Associação de Supermercados do Rio Grande do Sul, Pedro Zaffari, previu que deverá continuar a retração de 10% no consumo, com a população procurando substituir alguns produtos por outros, mais baratos. Por causa disso, o presidente da Federação das Associações Comerciais gaúchas, César Valente, encareceu aos presentes a necessidade de pressionarem o governo a prosseguir a abertura política, o que, segundo ele, significaria mais liberdade para a economia e o estabelecimento de parâmetros sociais na política econômica a ser adotada após as eleições do próximo ano.

Ontem, em São Paulo, a Federação do Comércio distribuiu nota informando que "o faturamento real do comércio na região metropolitana de São Paulo no período janeiro-outubro de 1981 foi de 20,9% menor do que em igual período do ano passado, e o nível de emprego recuou 5,21%".